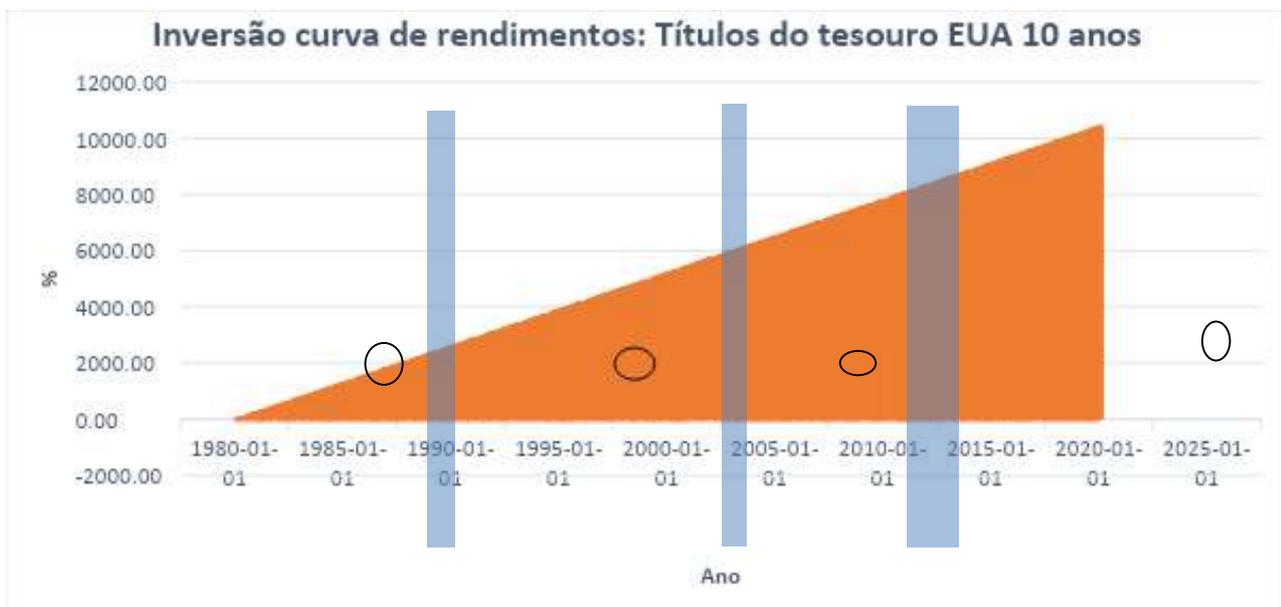


MITOS E EVIDÊNCIAS SOBRE A PRIMEIRA RECESSÃO DA NOVA DÉCADA

Omar Barroso Khodr⁴

O pessimismo sobre o futuro econômico em 2019, foi marcado pelo lento processo do Brexit, a estagnação Europeia pelo afrouxamento quantitativo e corte das taxas de depósito para -0.5% e o aumento das importações nos EUA causadas pela guerra comercial. Outros fatores geopolíticos como a ascensão de líderes populistas e conflitos no oriente médio também contribuíram para uma reflexão negativa de agentes econômicos, que resultou em uma inversão da curva de rendimentos (yield curve) em março de 2019. Apesar de não existirem ainda evidências causais entre a inversão da curva e recessões existe uma correlação histórica durante o século XX que demonstra nítidos padrões entre a inversão da curva seguida por crises financeiras. Este fenômeno preocupou mercados, economistas e investidores com a probabilidade de uma iminente grande recessão para 2020, no qual refletiu em apresentações ‘ansiosas’ na mídia especializada sobre sinais prematuros de um estado de tensão.



Os círculos em preto representam a inversão da curva de rendimentos, enquanto o sombreado azul representa períodos de recessão. Dados: Federal Reserve Bank of St. Louis,

⁴ Possui graduação em Jornalismo pelo IESB, MBA in Global Banking & Finance pela European University Business School. Atualmente é mestrando em Economia pelo IDP e colaborador do CADE.

10-Year Treasury Constant Maturity Minus 2-Year Treasury Constant Maturity [T10Y2Y].
Imagem: Feito pelo autor.

Os traumas causados pela crise de 2008 continuam a amedrontar mercados, fazedores de política e cidadãos comuns, as tensões pela inversão da curva trouxe avaliações precipitadas por conta da mídia e de analistas financeiros. Com isso, a especulação cresceu durante os primeiros meses de 2019, no qual resultou em conteúdo de credibilidade à vídeos sensacionalistas com títulos de ‘como enriquecer durante a recessão’. Deste modo, ‘A possível crise de 2020’ foi gerada devida ansiedades de diversos conteudistas de prever com rapidez um evento desastroso ao invés de criar modelos preventivos contra tais riscos. Porém, o susto acabou por ser breve, mercados se entusiasmaram com a queda da taxa de desemprego (EUA) de 3.5% para 3.1% e o registro de 254.000 empregos em novembro. O otimismo no mercado de trabalho refletiu respectivamente sobre o nível recorde de confiança entre consumidores e spreads de títulos corporativos no que demonstra mais segurança entre investidores. Tudo isso convergiu para melhores expectativas sobre o crescimento do PIB americano e inflação. Respectivamente os fatores da economia global também passaram a demonstrar sinais de recuperação com melhores perspectivas sobre o Brexit, suporte fiscal do governo alemão e expectativas de desvalorização do preço do dólar americano o que pode auxiliar economias emergentes como o Brasil. Com isso, analistas passaram a questionar suas avaliações passadas, postergando a ideia de uma recessão iminente em 2020.

As possíveis ameaças de um colapso da economia americana vêm de um inconsciente mais denso que flutuações de curto prazo. Muitos economistas demonstram preocupação sobre a probabilidade de colapso da dívida pública, porém a realidade é que apesar dos níveis altos da dívida (cerca de USD 23 trilhões) ela ainda demonstra sinais de estabilidade. Credores ainda continuam a confiar na capacidade da Reserva Federal (Fed) de controlar o valor do dólar e do governo americano em repagar suas dívidas e um potencial colapso da dívida também trará problemas para o Japão e China que continuam a serem os maiores devedores aos americanos. Por exemplo, de acordo com o tesouro americano, a dívida entre EUA e China marcou em outubro de 2019 níveis USD 10 Trilhões, no qual reflete em 26.7% de USD 4.12 Trilhões em títulos do tesouro e notas detidos por países estrangeiros. Por fim, a hipótese de um colapso da dívida americana significa também um relapso geral para outras economias que não deixaria pelo pior acontecer, assim auxiliando a combater tal choque sistêmico.



Evolução dos preços da Bolsa de Nova Iorque: Podemos perceber o otimismo dos investidores após fevereiro. Dados: Yahoo Finance. Imagem: Feito pelo autor.

De qualquer maneira, o otimismo para 2020 pode ser desafiado a qualquer momento por conta de prováveis ‘cisnes negros’ que podem surgir aleatoriamente por conta das rápidas mudanças políticas, socioculturais e tecnológicas da modernidade. No entanto, tal afirmação sobre um possível colapso ainda pode ser ainda precoce e equivocada para o momento que vivemos. Talvez a única certeza sobre a próxima recessão (seja quando for) será por conta de um ‘efeito borboleta’ com potencial de distorcer sistemas de conectividade digital que compõe a economia moderna. Vivemos em uma era de alta automatização dos mercados financeiros, algoritmos são programados para realizar trocas em frações de segundos e operar softwares de logística para o comércio internacional. Um colapso ou congelamento no sistema pode causar danos extraordinários para a economia global, seja por interferir sobre os conflitos armados no oriente médio, violações de base de dados de grandes corporações e governos ou bolhas especulativas causada por motivos aleatórios. O exercício de prever variáveis randômicas sem evidências causais trará resultados de medíocres qualificação empírica e pouca validação epistemológica.

Tais exemplos se repetem pelo trabalho do jornalismo financeiro *mainstream*, que apesar de trazer agilidade sobre as informações divulgadas, elas continuam a ser de nível superficial. A inquietação competitiva entre veículos de conquistar mais leitores em uma indústria atualmente ameaçada pelo Twitter, traz títulos de desesperados nas headlines divulgadas no dia a dia. Isto pode convergir sobre a opinião pública de forma catastrófica, como por exemplo pela criação de bolhas especulativas e estados de pânico social. Eventos no passado como a crise das tulipas em 1636 na Holanda, anomalias como a epidemia da

dança em 1518 e recentemente a febre das criptomoedas em 2016-17, provam que o ser humano instintivamente segue a manada quando confrontado às tendências de larga escala.

Como já dizia o grande líder militar George S. Patton, *"Prepare-se para o desconhecido, estudando como as pessoas do passado se preparavam com o imprevisível"*. Não existe uma regra de bolso para administrar roboticamente o comportamento da sociedade, porém, devemos buscar a criação de modelos e mapas para prevenção do desconhecido. O código de honra dos samurais (Bushido) ensinava como lidar com a ansiedade antes de uma batalha, para tal, o guerreiro deve focar no momento presente, pois as variáveis no campo de batalha podem mudar inesperadamente. Este ponto também é enfatizado pelo estrategista de guerra de Carl Von Clausewitz, no qual ele explica que condições climáticas podem mudar totalmente o curso de uma missão previamente planejada. Deste modo, a probabilidade 'crise de 2020' não deve ser descartada, mas deve ser evitada ao longo deste novo ano pois o surgimento de um 'cisne negro' sempre pode estar por emergir.